

A Viagem Oriental de Eça

L u í s M a n u e l d e A r a ú j o

NUMA ENTREVISTA AO *Jornal de Letras* FEITA A propósito das comemorações oficiais da morte de Eça de Queirós, disse recentemente o Professor Carlos Reis, empenhado queirosiano e director da Biblioteca Nacional, que existe hoje em dia, entre outros aspectos dispersivos, «*uma tendência porventura demasiado forte para nos fixarmos em excesso no lugar onde viveu o Eça*». Mas a verdade é que a permanência do escritor em vários lugares onde viveu terá contribuído para a sua formação humana e cultural, neles bebendo muita da inspiração que depois transparece nas suas obras.

O romancista viveu muitos anos em Portugal (Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Leiria e outros locais) e no estrangeiro (Cuba, Inglaterra, França). No caso do Egipto e da Palestina, não se poderá propriamente dizer que Eça lá viveu – apenas lá esteve, em companhia do conde de Resende, seu amigo e companheiro de viagem à inauguração do canal de Suez. No entanto, esses escassos dois meses de permanência no Próximo Oriente, em finais de 1869, irão proporcionar-lhe material para a redacção de alguns dos seus textos.

Quer em *O Egipto. Notas de Viagem* (postumamente publicadas) ou, com menor empenho, noutras obras, o futuro diplomata e viajante oferece aos seus leitores vivas descrições dos túmulos faraónicos no planalto de Guiza e em Sakara, falando desses gigantescos monumentos e ainda da paisagem circundante. Evoca os seus percursos e as aventuras na grande e ruidosa cidade do Cairo, onde visitou os decrépitos vestígios coptas e os monumentos islâmicos situados na altaneira Cidada caiota. Descreve os túmulos dos califas, a vetusta mesquita de Amr, a mesquita de Ibn Tulun e a mesquita da Universidade de Al-Azhar, prestigiados monumentos do mundo muçulmano que estão patentes no seu texto.

Calcorreou igualmente a ainda hoje compacta e ruidosa zona comercial de Khan el-Khalili.

Para a elaboração dos seus textos sobre o Egipto e a Palestina, Eça de Queirós baseou-se fundamentalmente naquilo que ia vendo e nas sugestões proporcionadas pelo ambiente característico dos locais. Possivelmente Luís de Resende ter-lhe-á sugerido, durante os passeios e as visitas, uma ou outra ideia. Mas serviram igualmente de fonte inspiradora as leituras que fez antes da partida, ou mesmo durante a sua curta viagem oriental. Leu certamente as experiências de viagem de Théophile Gautier, Maxime du Camp, Gerard de Nerval, Edmond About, Hippolyte Taine e Gustave Flaubert, entre outros. Uma fonte de inspiração foi sem dúvida a Bíblia, ou, melhor ainda, os seus conhecimentos das passagens bíblicas que lhe ficaram de leituras da juventude. Para além das leituras de experiências de viagem ao Oriente, que versariam essencialmente sobre o Egipto islâmico, leu obras sobre a história da civilização egípcia, dado que com alguma insistência discorre sobre a arte, a religião e a ideologia do Egipto dos Faraós. Serviram-lhe ainda as fotografias e gravuras mostrando os monumentos do passado faraónico, sobretudo dos locais mais famosos do Antigo Egipto: assim se justifica que ele fale de sítios onde não esteve, como a zona do lago Faium, e de áreas mais afastadas do Alto Egipto, como Abidos e Tebas (templos de Karnak e de Medinet Habu).

O primeiro contacto com o ansiado Oriente foi chocante. Em Alexandria, onde desembarcou a 5 de Novembro de 1869, colhe Eça a primeira desilusão do seu percurso oriental, e foi com algum incómodo que visitou as chamadas «agulhas de Cleópatra» (na verdade dois obeliscos do faraó Tutmés III, da XVIII dinastia, que tinham estado antes no templo de Heliópolis) e a «coluna de Pom-

peu» (que fora ali erguida em homenagem ao imperador Diocleciano). Os dois obeliscos foram depois removidos do local, seguindo um para Nova Iorque e o outro para Londres, onde Eça o verá de novo, descrevendo-o nas *Cartas de Inglaterra*.

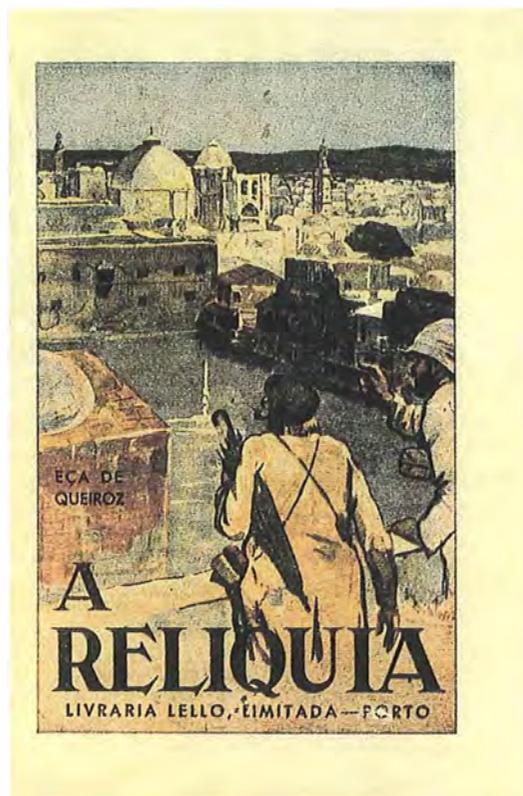
A viagem de comboio que faz entre Alexandria e o Cairo permite-lhe redigir sentidas evocações do rio Nilo, exaltando a fertilidade da terra egípcia e recordando o ingente trabalho do felá, o camponês egípcio, a quem se deve a úbere riqueza da terra negra do Egipto. Enaltecendo o trabalho do felá, Eça acaba também por recordar o esforço milenar do *sekhti* faraónico, trabalhando a terra, abrindo canais, erguendo diques e enchendo os celeiros, num esforço coordenado por uma rigorosa burocracia e uma eficiente cadeia de comando, no topo da qual pontifica o vizir, o primeiro-ministro dos tempos faraónicos. E, tendo verificado que o sucesso dos trabalhos camponeses de enriquecimento do solo e abastecimento dos celeiros para que não houvesse fome se devia a uma sábia coordenação de esforços e de recursos, elogia também a eficácia da administração faraónica, contrapondo-a à «incúria turca» e à «inércia árabe», a quem atribui a responsabilidade pelos males de que o velho Egipto viria a padecer.

O mais espectacular exemplo da ponderada gestão, assente em cuidadosa e eficiente hierarquização, não o desconhece o atento viajante, embora ele não se tivesse deslocado ao Faium, zona situada a alguns quilómetros a sul de Sakara, de onde não passou. Foi pela leitura de obras dedicadas à civilização egípcia que pôde tomar nota da grande obra de engenharia hidráulica do Faium, a qual, na continuação de trabalhos anteriores iniciados durante o Império Antigo sob a V dinastia, foi levada à sua mais expressiva fase com Amenemhat III (da XII dinastia, cerca de 1850 a

1800 a. C.), conquistando novas terras para os trabalhos agrícolas e promovendo uma intensa colonização da zona faiúmica, graças a uma eficaz irrigação. É na percepção do árduo trabalho da terra levado a cabo pelos camponeses do Nilo sob a direcção de uma eficaz máquina burocrática e administrativa que Eça sintetiza a milenar história do Egipto faraónico, feita de equilíbrio e harmonia, justiça e ordem universal, predicados que se podem resumir na palavra *maat*, que o escritor não usa por a desconhecer.

Chegados ao Cairo, Eça e o conde de Resende instalam-se no «Shepherd's Hotel», de onde partem para as suas visitas à cidade e aos arredores. Durante a sua estadia no Cairo, visitaram o Museu de Bulak, onde, graças ao empenho e dedicação de Auguste Mariette, se haviam reunido significativas obras de arte testemunhando a produção de estatuária, artefactos, objectos funerários, jóias, etc. Uma ida à Ópera do Cairo proporciona um fugaz encontro com o egiptólogo Mariette, do qual Eça traça uma imagem meio respeitosa meio irónica. Percorrem ruas apertadas e avenidas atulhadas de gente das mais variadas origens, que num ruidoso cosmopolitismo atravancam com os burros e os camelos todas as passagens. À cotovelada e ao empurrão vão caminhando, com a ajuda de um típico guia local, por entre os gritos, as cores e os cheiros daquela cidade tumultuosa – mas também andrajosa, o que muito fere a sensibilidade de Eça. Até na mesquita de Ibn Tulun, devastada e remendada, ele detecta na multidão que nelase alberga, «miséria, podridão e fome». Estape nosaimagem não a vê na altaneira e nova mesquita de Mohamed Ali, na Cidadela, embora não tenha apreciado muito o seu estilo.

As incursões pelos históricos arredores da cidade do Cairo iniciaram-se pela zona de Matareia, onde lhe foi mostrada a «árvore da



Virgem», seguindo-se Heliópolis, onde, nos tempos faraónicos, se erguia o templo do deus solar Ré. Do imenso complexo religioso da antiga Iunu apenas resta hoje o obelisco erigido por Sesóstris I (nome grego do faraó Senuseret I, da XII dinastia), de cujo texto hieroglífico inscrito no monumento nos dá uma incompleta tradução, levado certamente pelas explicações que no local lhe deram.

Depois de Heliópolis seguiu-se a visita ao planalto de Guiza, na margem ocidental do Nilo. Foi ao amanhecer de um dia em que o céu se apresentava «com pinceladas cor-de-rosa, de uma transparência adorável» que lhe surgiram pela frente as famosas pirâmides construídas na IV dinastia do Império Antigo (entre cerca de 2600 e 2500 a. C.), para Khufu, Khafrée Men-

kauré, conhecidos também pelos seus nomes gregos de Queops, Quefren e Miquerinos.

Para quem vinha da verdejante planície nilótica, seguindo por entre os pequenos e frescos lagos deixados pelas águas da inundação que então se retiravam para o leito do rio, a brusca visão dos gigantescos túmulos de pedra erguidos há milhares de anos não poderia deixar de produzir uma viva impressão. Estavam ali patenteadas, entre uma linha separadora fugaz e ténue, as duas mais poderosas imagens da civilização egípcia, como Eça bem percebeu – «*Contraste extraordinário e profundo: o Egipto é um imenso celeiro e um imenso sepulcro*».

No caderninho de viagem relembra Eça, em curtas linhas, a sua fugaz ascensão da pirâmide de Khufu, mas no texto saído em *O Egipto. Notas de Viagem* tal facto não vem referido. Do alto da pirâmide de Khufu pôde apreciar uma inesquecível paisagem, de grande espectacularidade, que o terá compensado pela frustração sentida ao ver de perto as pirâmides, «*enormes, disformes, descarnadas, desconjuntadas, esfoladas*»... Ali perto, estava a colossal imagem da Esfinge, que se julga ser uma representação do faraó Khafré, o construtor da segunda pirâmide de Guiza.

Depois da visita matinal à zona de Guiza seguiu-se, um pouco mais para sul, o não menos estéril e desolado planalto de Sakara, onde se ergue uma pirâmide cujas formas são diferentes. Trata-se de uma pirâmide escalonada, feita com seis andares, que se ergue quase isolada no deserto porque já desapareceram muitos dos edifícios que originalmente a rodeavam. Foi construída pelo grande arquitecto real Imhotep para o Hórus Netjerirkhet Djoser (rei da III dinastia, entre 2650 e 2600 a. C.), e foi das suas formas e das técnicas usadas na sua construção que os arquitectos partiram para edificar em Dahchur as

pirâmides de Seneferu (primeiro monarca da IV dinastia) e, depois, as de Guiza. Foi pena que Eça não tivesse visitado a zona de Dahchur e as duas pirâmides de Seneferu, e ainda as ruínas de uma outra pirâmide mais tardia, da XII dinastia, feita para o faraó Amenemhat III, o providente soberano que com tanta admiração ele evoca nas suas notas de viagem.

Ainda na zona de Sakara Eça visitou o Serapeum (túmulo dos bois Ápis, animais sagrados do deus Ptah) e o túmulo do alto funcionário Ti (da V dinastia, cerca de 2400 a. C.) que ele, erradamente, julgou ser o «templo de Serápis». Descreve em pormenor quase todos os quadros dos baixos-relevos pintados do túmulo, que ainda hoje estão muito bem conservados, e dos seus comentários se podem extrair algumas das mais claras ideias que o jovem viajante tinha da civilização egípcia, bem expressas na conclusão que a propósito registou: «*Todo o antigo Egipto, com a sua alta civilização, está ali. É aquele o verdadeiro templo, onde as pinturas são o trabalho, a família, a propriedade, a harmonia*».

Finalmente, o apropriado remate da jornada histórica aos vestígios faraónicos, com a excursão a Mênfis, a antiga capital das Duas Terras, a cidade do deus Ptah. Pouco havia, naquele tempo como ainda hoje, para admirar, «*apenas montículos escuros, onde se vêem ainda paredes de tijolos quase torrificados...*» E por entre as ruínas da antiga Mênfis apenas pôde admirar a beleza da paisagem, a quietude repousante do palmar menfita. Reconfortado com o idílico local, bastou alongar a vista para norte e, com o espectáculo surpreendente das velhas pirâmides «*todas iluminadas e correctas como o Terreiro do Paço*», despedir-se da terra dos faraós, para a viagem oriental prosseguir rumo a outras paragens. Na baía encrespada de Alexandria tomou lugar no navio que o levou até Suez, para

assistir à abertura solene do grande canal que tinha sido construído com grandes sacrifícios e que festivamente foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

No seu artigo intitulado «De Port Said a Suez», publicado pouco depois do seu regresso a Lisboa, Eça secundariza, num «relatório chato», a cerimónia internacional de inauguração do canal e confessa: *«as festas de Suez estão para mim entre duas grandes recordações – o Cairo e Jerusalém»*.

No barco que o transporta ao longo do canal observa atentamente, para depois as descrever, as margens desérticas, o canal de água doce rasgado por Lesseps para levar água aos operários que trabalhavam nas obras, a cidade de Ismaileia (Ismaília), fundada nas margens do lago Timsah, e, no final do percurso, à entrada do mar Vermelho, a cidade de Suez, *«escura, miserável, decrépita»*. Findas as lustrosas cerimónias, Eça e o conde de Resende foram até às costas da Arábia, *«para os lados do deserto do Sinai ver o oásis de Moisés»*.

As notas referentes à inauguração do canal de Suez, em forma de uma «narração trivial», foram publicadas em quatro folhetins no *Diário de Notícias* em Janeiro de 1870 (nos dias 18, 19, 20 e 21), coligidos depois da morte do escritor por Luís Magalhães nas *Notas Contemporâneas* (1909). Nos linguados ou tiras de papel almaço, que completam e desenvolvem as notas tomadas nos cadernos de viagem, pouco há sobre a continuação da jornada oriental. É nos pequenos cadernos que podemos ler algumas notas dispersas sobre o percurso na Alta Síria e na Palestina.

Sabemos, através dos registos feitos no seu passaporte e divulgados por seu filho José Maria na sua Introdução às *Notas de Viagem*, que entre 26 de Novembro e 11 de Dezembro os dois jovens viajantes estiveram na Síria e na Palestina, tendo visitado os sítios bíblicos de

maior renome, com especial relevo para Jerusalém. Mas nas notas de viagem condensadas em pequenos cadernos «de bolso» pouco ficou sobre as cerca de duas semanas passadas na Terra Santa.

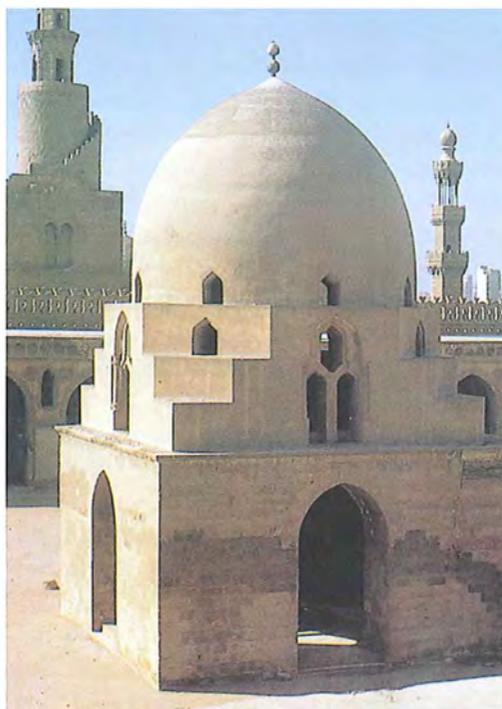
Eça não baliza as suas notas com qualquer data. Para a elaboração de um diário de viagem é preciso ir ao passaporte diplomático e a uma folha apensa com os vistos, e, a partir desse velho documento, reconstituir o percurso, datando-o assim:

23 de Outubro de 1869 – Partida de Lisboa, com passagem por Cádiz, Gibraltar e Malta;

5 de Novembro – Desembarque em Alexandria;

6 de Novembro – Visita à cidade a às suas «curiosidades clássicas»;

7 de Novembro – Partida de comboio para o Cairo, com passagem por Damanur, Tanta e Bena el-Assal; chegada ao Cairo ao anoitecer;



Minarete e fonte central da mesquita de Ibn Tulun.



Esfinge e pirâmide de Khafré no planalto de Gisé:
«A Esfinge, sentinela implacável, alha para o lado
do Nilo».

8 a 16 de Novembro – Visitas no Cairo e arredores (Matareia, Heliópolis, Guiza, Sakara e Mênfis);

16 de Novembro – Partida de Alexandria para Port Said;

17 de Novembro – Chegada a Port Said e festas da inauguração do canal de Suez;

18 de Novembro – Chegada à cidade de Suez; visita ao «oásis de Moisés» no Sinai;

19 de Novembro (?) – Regresso a Alexandria;

26 de Novembro – Partida para Beirute;

27 a 10 de Dezembro – Viagem na Alta Síria e Palestina;

11 de Dezembro – Regresso a Alexandria;

12 a 26 de Dezembro – Estada em Alexandria;

26 de Dezembro – Partida de Alexandria para Lisboa;

3 de Janeiro de 1870 – Chegada ao porto de Lisboa.

Como se pode verificar, há duas grandes lacunas no percurso que não ficaram documentadas nas notas: uma semana passada em Alexandria entre o final das festas da inaugu-

ração do canal e a partida para Beirute, e duas semanas de novo em Alexandria entre o regresso de Beirute e a partida para Lisboa. Destes vinte dias passados com o conde de Resende em Alexandria nada consta nos registos de Eça. Tempo monótono, tranquilo, repousante, ou tempo murcho, nervoso, cansativo e exasperante, ansiando pelo regresso a Portugal? Aparentemente, o que havia para ver em Alexandria já tinha sido visitado, e sem grande empenho, logo nos dois primeiros dias da estada na antiga cidade de Cleópatra. Que fazer então na cidade? O que fizeram os dois amigos nessas duas semanas de espera? Seja como for, passaram lá o dia de Natal de 1869 – e, de resto, a passagem de ano foi comemorada (!) a bordo do navio que os trazia de regresso a Lisboa, de onde tinham partido havia mais de dois meses.

Eça nunca publicou as suas notas de viagem, mas serviu-se dos apontamentos e das imagens que reteve de tão movimentados dias no Médio Oriente para construir os percursos de Teodorico Raposo (em *A Relíquia*) e de Fradique Mendes, com uma nítida diferença: o primeiro retoma a par e passo os caminhos de Eça na sua viagem oriental, o segundo vai até sítios onde o escritor não chegou (o Alto Egipto). Reflexos da viagem queirosiana ficaram também nas *Lendas de Santos* (o eremita egípcio Santo Onofre), em *O Mandarin* Teodoro viaja de Alexandria a Tebas, Carlos da Maia irá até ao «sagrado Nilo» (em *Os Maias*), e enfim, referências ao Egipto pairam nas *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*. Acrescentemos que mesmo o percurso mediterrânico, a caminho de Alexandria, lhe oferece algumas linhas para *O Mistério da Estrada de Sintra*, graças à sua passagem pela ilha de Malta.

A temática das viagens exóticas daria a Eça de Queirós lastro para, entre a sátira e a

lírica, entre a mordacidade e a veracidade histórica, recriar lugares e momentos que se visitam na distante China de *O Mandarim*, ou, aqui mais perto geograficamente, a nossa Idade Média de *A Ilustre Casa de Ramires*. Esse gosto pelas viagens, no tempo e no espaço, ter-lhe-á certamente ficado, ou pelo menos ter-se-á robustecido, com o seu excitante percurso oriental que nunca esqueceu.

E mais ainda: o gosto de Eça pela diplomacia terá ficado da sua curta viagem ao Oriente como sugere João Gaspar Simões: «Nada mais natural que, com o seu espírito curioso e pouco propenso à rotina de uma profissão caseira, saboreado que foi o fruto da árvore da aventura, a bordo de grandes paquetes e instalado em soberbos hotéis, se lhe antolhasse a vida diplomática como a mais adequada aos seus gostos e preferências.»

Quando era administrador do concelho de Leiria concorreu para cônsul de 1ª classe, tendo sido o primeiro classificado nas provas que prestou. O primeiro cargo que ocupou, por nomeação do ministro dos Estrangeiros, Andrade Corvo, foi em Havana capital da então colónia espanhola de Cuba onde esteve cerca de dois anos (1872-1874).

Durante a sua permanência nas Antilhas espanholas visitou o Canadá, Estados Unidos e a América Central (1873). Depois foi cônsul em Newcastle (1874-1878), em seguida em Bristol (1878-1888) e finalmente em Paris (1888-1900). Nos doze anos que viveu em França viajou pelo país e foi ainda à Suíça, infelizmente por questões de saúde, que nos últimos anos de vida o foram minando.

Nestes locais, aonde a carreira diplomática o levou, Eça de Queirós viveu – já no Oriente, Eça de Queirós esteve. Mas a permanência fugaz e inesquecível no Egito e na Palestina, sendo um marco inicial que perdurou pela sua vida e se veio a materializar em

algumas das suas obras, também estará no seu final. É que, segundo o parecer abalizado e especializado de três gastroenterologistas, António Cavaco Catita, Carrilho Ribeiro e António Pinho, reforçados pelo testemunho de Rui Proença (médico internista e director de serviços de infecto-contagiosos), a causa da morte de Eça foi, como mais ponderada hipótese de diagnóstico, a amebíase, doença de evolução arrastada e consumptiva, que terá contraído durante a sua viagem ao Oriente. E assim, o Egito, estando no princípio está igualmente no fim.

Bibliografia

- Luís Manuel de ARAÚJO, *Eça de Queirós e o Egito Faraónico*, Estudos de Cultura Portuguesa, Editorial Comunicação, Lisboa, 1988
- Luís Manuel de ARAÚJO, «Aspectos do roteiro queirosiano no Egito: Eça de Queirós na mastaba de Ti», em *Cadmo*, 2, Instituto Oriental da Faculdade de Letras, Edições Cosmos, Lisboa, 1992, pp. 101-116
- John BAINES e Jaromír MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Phaidon Press Ltd, Oxford, 1981
- Jean-Claude BERCHET, *Le Voyage en Orient. Anthologie des voyageurs français dans le Levant au XIXe siècle*, Col. Bouquins, Éditions Robert Laffont, Paris, 1985
- A. CAMPOS MATOS, *Imagens do Portugal Queirosiano*, Coleção Portugal Ontem, Portugal Hoje, Terra Livre, Lisboa, 1976
- Dicionário de Eça de Queiroz*, organização e coordenação de A. Campos Matos, Editorial Caminho, Lisboa, 1988
- Sergio DONADONI, Silvio CURTO e Anna Maria DONADONI ROVERI, *L'Égypte du Mythe à l'Égyptologie*, Fabri Editori, Istituto Bancario San Paolo di Torino, Milão, Turim
- EÇA DE QUEIRÓS, *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*, Obras de Eça de Queirós, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s. d.
- EÇA DE QUEIRÓS, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Obras de Eça de Queirós, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s. d.
- EÇA DE QUEIRÓS, *O Egito. Notas de Viagem*, Obras de Eça de Queirós (obras póstumas), Edição Livros do Brasil, Lisboa, s. d.
- EÇA DE QUEIRÓS, *A Relíquia*, Obras de Eça de Queirós, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s. d.
- Isabel PIRES DE LIMA, «L'imaginaire oriental chez Flaubert et Eça de Queirós: Le Voyage en Égypte», em *Intercâmbio*, 2, Instituto de Estudos, Universidade do Porto, Porto, 1992, pp. 19-33.
- Edward W. SAID, *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*, Companhia das Letras, S. Paulo, 1990
- Garcez da SILVA, *A Pintura na Obra de Eça de Queiroz*, Coleção Universitária, 17, Editorial Caminho, 1986
- João Gaspar SIMÕES, *A Obra e o Homem*, 4ª edição, Ed. Arcádia, Lisboa, 1981